

BELO HORIZONTE, MG, 30 DE NOVEMBRO DE 1995

*Senhor Ministro das Comunicações, Dr. Sérgio Motta; Senhores Ministros de Estado; Ministro Israel Vargas, que aqui se encontra, e os demais que aqui estejam; Senhores Parlamentares, muito especialmente os de Minas, que aqui estão; Senadores; Senadores Darcy Ribeiro, Júnia Marise, Francellino; Senhores Deputados, que não posso nominar um a um; Senhor Presidente da TV Educativa; Senhor Arcebispo de Belo Horizonte, D. Serafim, a quem prezo muito; Senhores Secretários Estaduais; Senhoras, Senhores,*

Hoje, nós estamos completando aí um dia e meio de visita a Belo Horizonte, a Minas, e o fazemos com chave de ouro, porque acredito que a TV Educativa é parte essencial para que a sociedade se inteire dos problemas e para que o Governo tenha instrumento de comunicação.

O Governo Federal, ainda há pouco o disse em reunião que tivemos sobre as questões educacionais e de saúde, tem muito empenho na organização, que já está em marcha, de uma TV para as escolas. Mas isso não quer dizer que nós queiramos substituir as TVs estaduais, regionais, por uma TV nacional. Não. É o contrário.

Nós queremos dar o apoio possível. Creio que o Secretário de Comunicação, o Embaixador Sérgio Amaral, que aqui se encontra também, já terá conversado com o Dr. Paulo Ribeiro a respeito desse ponto de que o Governo Federal dará o apoio possível na produção de programas dessa TV. E nossa aspiração é que, assim como agora, em Minas, nós estaremos unindo 756 municípios através da TV – e eu me recorro da tormenta que era, na campanha eleitoral, o fato de não se alcançar todos os municípios de Minas pelo sistema de TV. Assim como aqui se faz isso, nós precisamos fazer uma integração também nacional das TVs educativas.

Isso é muito importante, pela qualidade dos programas que essas televisões podem transmitir, pelo fato de que elas vão participar, crescentemente, do treinamento de professores, de programas de saúde pública, de orientação a respeito de questões do consumidor. Nesta manhã, também, me referi a isso no Congresso de Donas de Casa, à importância de haver uma tribuna do consumidor nas televisões educativas, como nós vamos ter lá na Roquette Pinto.

Enfim, nós precisamos fazer uma família de televisões, que são televisões de serviço público e que possam realmente prestar serviço ao público. Nunca mais propaganda de governo. Não é para isso que se quer televisão educativa. Não deve servir para isso, e o Governo não deseja, seguramente, nem o Governo de Minas, tampouco o Federal, utilizar esses recursos como instrumentos de publicidade e propaganda, porque isso não é correto. É ao contrário. Nós queremos que essas televisões sejam um elo legítimo da sociedade e que a participação, a informação que se preste, seja uma informação de valia; e que o debate nelas seja livre, até porque é ilusão imaginar que se consegue, hoje em dia, controlar uma sociedade tão diversificada, tão pujante quanto a brasileira, em que as opiniões se vão formando com muita independência. É isso que nós queremos. E essa televisão será um instrumento nessa direção.

Também gostaria de aproveitar – não quero me estender demasiado, já falei muitas vezes hoje – para dizer que isto é parte essencial não só do processo democrático, mas da própria capacidade que um país tem, terá, no futuro, de continuar integrado: é a informação.

A sociedade do futuro é uma sociedade que dependerá crucialmente da formação, da escola e da informação – e cada vez mais, ao contrário do que imaginavam alguns pessimistas. Pessimistas, sempre os há, no mundo todo e, às vezes, fazem um dano enorme a uma sociedade porque não percebem o novo. Pois bem, no passado, havia os pessimistas que diziam que esses instrumentos de comunicação de massa seriam uma forma de sujeição do povo. Quem acredita nisso hoje? Ninguém. Porque hoje, com essa pluralidade de canais, com essa possibilidade de informação em tempo real, o que se requer é outra coisa: é a capacidade de o indivíduo mostrar seus próprios quadros organizacionais do ponto de vista da sua cultura, da sua decisão política. E a informação passa a ser, nesse sentido, um instrumento de liberação, e não um instrumento de manipulação.

Mudou o mundo. Quem não percebe isso fica repetindo um bê-a-bá bobo de que há controle da informação. Não é mais possível haver controle de informação quando a sociedade se abre, quando ela se democratiza. E a nossa, por sorte, é uma sociedade que está aberta, onde as organizações não-governamentais têm uma força imensa, onde os sem-organização começam a ter força, mesmo sendo não-organizados, até pelo fato de serem não-organizados. É uma sociedade desafiadora, bonita, e esses instrumentos, como essa televisão, vão servir, precisamente, para que nós nos ajustemos de forma positiva a esse novo tipo de sociedade, como a brasileira começa a ser.

Então, senhor Governador, quero felicitá-lo uma vez mais, felicitar o Paulo, felicitar aqueles que trabalham aqui ou que conseguiram se organizar para fazer essa televisão avançar mais.

E quero aproveitar – já que dentro de pouco tempo vou para o aeroporto – para deixar o mais sincero agradecimento a Minas Gerais, desde ao Governador até àqueles que, nas ruas, saudavam – ou não saudavam; não importa: eles nos viram.

E agradecer a presença tão marcante dos nossos deputados e senadores, esse fato, que prezo sempre, de que hoje em dia não há partidos capazes de separar pessoas de boa-fé e de boa vontade quando elas colocam as questões com propriedade. Já não há mais essa preocupação da

sociedade quase tribal, em que um segmento não fala com o outro. Aqui, não. Hoje, nós todos estivemos numa companhia variada, uma enorme família de partidos, com muita alegria, com muita espontaneidade, porque estamos unidos pelo bem de Minas Gerais e pelo bem do Brasil.

Agradeço muito esta oportunidade. Já disse ao Governador que voltarei a Minas quando puder, desde que eu não perturbe muito o trânsito.

Muito obrigado a vocês.